



Um por todos e todos por um



Às vezes, a gente imagina a universidade pública como um lugar quase mítico. Um território onde brilham as grandes inteligências do país. E é verdade. Entrar na Universidade de São Paulo (USP) exige um nível de dedicação brutal. São jovens que atravessaram anos de estudo intenso, pressão emocional, competição feroz. Muitos vieram de escolas precárias, famílias humildes, cidades distantes. Desafiaram desigualdades, venceram estatísticas. Conquistaram o impossível.

E depois de conseguir passar no vestibular mais difícil do Brasil... descobrem que o desafio não acabou. A realidade do momento tão sonhado vira pesadelo: encarar os cinco anos de curso sem ter nem um quarto digno para dormir, ou comida decente para comer... banheiro sem condições humanas de uso... segurança... realmente não dá para acreditar que a realidade desses jovens brilhantes possa ser tão degradante.

Minha filha estuda na USP. E ela tem um privilégio imenso: tem uma casa segura, limpa, confortável. Tem comida. Tem estrutura emocional. Poderia simplesmente seguir

sua rotina, assistir às aulas e tocar a vida. Mas ela e seus colegas de curso escolheram entrar em greve. Escolheram olhar para o lado e ver a realidade mais ampla.

E eu fico emocionada em ver como a atitude dela é coerente, talvez seja exatamente aí que mora a educação mais importante de todas.

Porque formar um jovem brilhante intelectualmente sem desenvolver nele a capacidade de empatia é formar apenas uma máquina sofisticada de desempenho. E o mundo já está cheio de gente altamente competente incapaz de se sensibilizar com o sofrimento humano.

Ela está há quase um mês sem aula por causa da greve. Vai provavelmente passar parte de julho estudando enquanto muita gente estará de férias. Claro que isso é cansativo. Claro que é desagradável. Ninguém gosta de interrupções, atrasos, instabilidade. Mas existe uma diferença profunda entre o desconforto temporário e a indignidade permanente.

O que esses estudantes estão reivindicando não é luxo. Não é excesso. Não é privilégio. É o mínimo.

Estamos falando dos jovens mais preparados academicamente deste país. Meninos e meninas que passaram por um funil intelectual duríssimo. Cérebros que poderiam estar produzindo ciência, tecnologia, medicina, filosofia, soluções para o Brasil. E muitos deles estão sobrevivendo em moradias sucateadas, convivendo com mofo, sujeira, insegurança alimentar, exaustão psicológica.

Que projeto de país é esse que seleciona os mais talentosos... mas não garante condições mínimas para que floresçam?

Apoiar essa greve, para mim, não é apoiar desordem. É apoiar dignidade. É ensinar aos nossos filhos que o conforto individual não pode anestesiar a consciência coletiva. É lembrar que uma sociedade só se torna realmente sofisticada quando aprende a proteger não apenas os talentos... mas também as condições humanas necessárias para que esses talentos existam.

Porque inteligência nenhuma floresce no abandono.

E talvez o futuro do Brasil dependa justamente da nossa capacidade de compreender isso antes que seja tarde.